

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE UM EX-LÍDER ESTUDANTIL OS ANOS 1960/70

CLÁUDIO CÉSAR TORQUATO ROCHA

UECE. E-mail: prof.cctr@hotmail.com

TÂNIA MARIA SOUSA FRANÇA

UECE. E-mail: taniamsfranca@hotmail.com

SILVINA PIMENTEL SILVA

UECE. E-mail: silvinapimentel@yahoo.com.br

Introdução

A História da educação não é feita apenas a partir de fontes habituais como legislações específicas, registros de embates entre tendências pedagógicas, arquivos escolares como diários de classes e cadernos de alunos, por exemplo. Também os temas de pesquisa não se reduzem a questões sistêmicas institucionais, as representações sociais de professores ou a comparações entre experiências diversas, como o desenvolvimento entre municípios, Estados da federação ou países, disciplinas escolares, entre outras coisas. A História da educação é feita todas as vezes que há intenção por parte de algum segmento humano, coletivo ou individual, em alterar as circunstâncias em que os sistemas de educação (básica e/ou superior) se encontram, tendo em vista algum objetivo infrequente. Nesse sentido, os anos 1960 e 1970 representam bem essa vontade de mudanças por diversos segmentos, grupos e classes sociais do cenário político e educacional brasileiro.

Nosso objetivo nesse trabalho é compreender, a partir da perspectiva de um ex-líder estudantil, as relações sociais, políticas e educacionais dos anos 1960 e 1970, tendo como suporte algumas questões norteadoras: Quais os embates e os segmentos sociais em disputa política nos campus universitário que Jorge Paiva percebeu? Qual a influência e a força do movimento estudantil e de suas entidades na época que iniciava sua militância? Em torno do que

eram realizadas as mobilizações estudantis e como Jorge Paiva participou delas? O que representou o golpe militar instaurado a partir de 1964 no Brasil para Jorge Paiva? Como o ex-líder estudantil Jorge Paiva enxergava a realidade? Pelo que lutava? Como a viveu? É a partir dessas questões que pretendemos compreender a partir da perspectiva de um ex-líder estudantil, as relações sociais, políticas e educacionais dos anos 1960 e 1970.

Por que refletir os conflitos dessa época a partir da percepção e vivência do ex-líder estudantil Jorge Paiva? Um primeiro motivo se deve ao fato do Jorge Paiva ser uma pessoa polêmica em nossa sociedade, um dos poucos que ainda hoje continua lutando em prol de mudanças intensas na vida social. Anticapitalista fervoroso, também não admite a perspectiva do socialismo, mas somente o da emancipação humana em que as relações mediadas pelo dinheiro, o mercado, o Estado e a democracia de massa sejam superadas o mais rápido possível. Jorge Paiva é um dos líderes do grupo Crítica Radical, que faz uma leitura da obra de Karl Marx muito distinta dos demais segmentos de esquerda. Ele e os demais membros de seu grupo baseiam-se para pensar e agir a partir da crítica radical que contempla a teoria do valor-dissociação e do fetichismo da mercadoria encontrado nos Grundrisse e n'Ó Capital de Marx. Um segundo motivo se deve ao fato de Jorge Paiva ter tido uma experiência de vida muito ativa nos anos da ditadura militar e em nenhum momento parou sua militância na época do estudo aqui realizado. Assumindo o próprio nome ou adquirindo novas identidades atuou como líder estudantil sem nunca ter abandonado o país como fizeram a maioria dos líderes estudantis da época. Acreditamos que ao eleger o polêmico Jorge Paiva, ex-líder estudantil dos anos 1960 e 1970, como interlocutor para refletir sobre a História da educação desse país se faz justiça a um nome que colaborou e vem colaborando com sua luta para que outra realidade social e educacional despontasse no Brasil.

Nesta perspectiva a metodologia que subsidiou esta reflexão apoiou-se na abordagem qualitativa de pesquisa recorrendo

ao método biográfico, utilizando-se de entrevista narrativa para a produção de dados. Segundo Dominicé (2010), ao tratar do método biográfico, diz: “a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Essa dupla função da abordagem biográfica caracteriza a sua utilização em ciências da educação” (DOMINICÉ, 2010, p.148). Noutras palavras, Dominicé defende que através de biografias tanto se pode realizar pesquisa científica, quanto ensinar e aprender sobre determinadas temáticas.

Nesse trabalho a técnica empregada no processo de biografia foi à entrevista narrativa. Jovchelovitch e Bauer (2010) explicam que “a entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2010, p.93).

Quanto à legitimidade epistemológica do emprego de narrativas biográficas na pesquisa científica, Ferrarotti (2010) argumenta que...

[...] Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana. Ora, se ‘a essência do homem [...] é, na sua realidade, o conjunto das relações sociais’ (Marx, VIª Tese de Feuerbach), toda práxis humana individual é atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psíquicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante. (...) Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social (FERRAROTTI, 2010, p.44).

A entrevista narrativa realizada com Jorge Paiva ocorreu na tarde do dia 7 de junho de 2014, nas dependências da sede do grupo Crítica Radical, organização que o biografado é um dos líderes. Com a anuência do entrevistado recorreremos ao emprego de um

gravador para armazenar sua narrativa, e após a entrevista ela foi transposta para a forma escrita, tendo em vista um melhor estado para a análise dos dados e sua organização na feitura desse trabalho, que está organizado em três partes: além dessa introdução, vamos tratar da realidade social, política e educacional dos anos 1960 e 1970 na perspectiva do ex-líder estudantil Jorge Paiva e concluiremos com as considerações finais.

A realidade social, política e educacional dos anos 1960 e 1970 na perspectiva do ex-líder Jorge Paiva

Para organizar os dados da entrevista narrativa que Jorge Paiva nos concedeu resolvemos elaborar sua trajetória de ex-líder estudantil delineado em quatro momentos conforme a trajetória por nos compreendido e organizados segundo uma lógica compreensiva.

Do interior das Minas Gerais à cidade de São Paulo

Jorge Paiva nasceu em 1943, numa cidade do interior das Minas Gerais, chamada Heliódora, a 358 km ao sul da capital mineira. Conforme acredita Jorge Paiva, a origem de seu gênio emancipacionista se deve inicialmente a assimilação do espírito libertador da época que viveu no período de sua infância, em sua cidade natal, pois a localidade vivia um momento em que separava politicamente da dependência dos municípios vizinhos. Todavia, foi em São Gonçalo do Sapucaí, outra cidade próxima ao município de onde nasceu que Jorge Paiva estudou o primário e o ginásio, pois em Heliódora não havia esses níveis de ensino.

Antes de terminar o ginásio Jorge Paiva se lembra de uma “luta muito grande” em favor da implantação do “científico” em São Gonçalo do Sapucaí. Como resultado dessa luta foi conseguido a implantação de cursos técnicos de nível médio, como o de contabilidade realizado por um de seus irmãos. Jorge Paiva preferiu mudar

de cidade para estudar o “científico”. Ainda em São Gonçalo do Sapucaí, Jorge Paiva se comprometeu com lutas contra o aumento dos ingressos do cinema que tinha na cidade de maneira que o estabelecimento ficou fechado por mais de um mês. Lembra Jorge Paiva de que seu envolvimento com essa luta foi “uma das experiências que tive na época, adorei... Achei a coisa legal...” (JORGE PAIVA).

Foi nessa luta que ele, então com 16 anos, aproximadamente, teve pela primeira vez contato com o Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels. Graças ao seu contato com um professor de História que mantinha relações como o Partido Comunista, e que Jorge Paiva somente veio saber depois, é que ele foi estimulado ao conhecimento das Ciências Humanas e Sociais. Nas narrativas de Jorge Paiva:

Eu ia lá pra casa dele [do professor de História] e ele me deixou no escritório, ele me deixou lá na biblioteca à vontade. Aí, de vez em quando, ele ia lá, eu ficava apaixonado. ...Tinha livro lá que não tinha em casa de jeito nenhum, então eu ia lá, ler os livros. (...) E lá, ele deixou de propósito, desconfieei depois... ..matei a charada depois... Ta lá o Manifesto do Partido Comunista... Foi a primeira vez que eu vi... ..aí eu fiquei empolgado. Aquele caminho, aquela ideia, explicava tudo pra mim (JORGE PAIVA).

Depois desse primeiro contato com a literatura comunista ocorreu um novo “corte” [no dizer de Jorge Paiva] quanto ao rumo de sua vida devido sua transferência para a cidade de Santa Rita, onde estudou no IME (Instituto Moderno de Educação), dirigido pelos padres jesuítas e depois na cidade de Poços de Caldas, no Colégio Marista. Conforme o resultado das notas dos exames do ginásio, Jorge Paiva ganhou uma bolsa pra estudar o “científico” nessa instituição, ficando em suas salas de aula por dois anos.

Paralelamente investigou as opções quanto a sua ida para educação superior e cogitou sua entrada no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica), em São José dos Campos, no interior do Esta-

do de São Paulo. Fez uma visita a esse instituto e conheceu o Centro Técnico da Aeronáutica. No percurso de volta do referido instituto Jorge Paiva vê livros sendo incinerados em pleno espaço público e nesse episódio ele tomou conhecimento do golpe que os militares deram para tomar o poder político do presidente João Goulart, o Jango.

Foi um “choque”, conforme a expressão usada por Jorge Paiva. Nesse momento ele descobriu também que “estava no lugar errado”, desistindo assim de ingressar no ITA. Em seguida tomou conhecimento que professores estavam sendo perseguidos e presos. A partir desse momento, em 1964, Jorge Paiva decidiu ir para a cidade de São Paulo, com uma mala velha e amarada e nenhum contato e local onde ficar.

A vida em São Paulo e o início na militância política

Jorge Paiva é inequívoco quanto ao seu pensamento nesse momento. Ele conta que...

Eu não tinha uma leitura suficiente para entender o que era aquilo. Eu me situava um pouco, sabia o que era o pessoal de esquerda, quer dizer, eu simpatizava com esse setor. Evidente, claro, essa coisa vinha já do primário, do ginásio, lá de trás. (...) Essa coisa começou ficar preciso no ginásio, a partir da leitura do Manifesto [do Partido Comunista] na biblioteca do professor (JORGE PAIVA).

Chegando a São Paulo, deixou a mala na rodoviária e com um mapa da cidade debaixo do braço foi procurar um quarto de pensão para morar. Juntou uns “trocadinhos”, como disse, e foi atrás de emprego. Encontrou trabalho numa fábrica de massas de alimentos e lá permaneceu algum tempo. Jorge Paiva disse que o exame de admissão para tal fábrica foi concorrido, segundo ele, devido aos “sinais do problema da instalação da ditadura”, como as mudanças na legislação trabalhista entre outras coisas. Então, na época, Jorge

Paiva entendeu o golpe militar como uma forma de evitar a “tentativa de uma organização democrática e modernização autoritária que deu origem a ditadura” (JORGE PAIVA).

Jorge Paiva concluiu que o golpe militar pegou as organizações de esquerda de surpresa. Com o apoio da classe média e da igreja católica, os militares deram o golpe e quase não houve reação, deixou-o “frustrado”. Daquela época, início dos anos 1960, Jorge Paiva lembrou que o PCB (Partido Comunista Brasileiro) tinha uma presença expressiva nos movimentos sociais, se comparada com outros grupos de esquerda. Jorge Paiva percebeu que foi sondado por esse grupo político quanto a sua adesão em suas fileiras, mas conforme sua narrativa: “eu não me sentia maduro pra esse tipo de atuação, porque o meu nível de conhecimento eu considerava pequeno, era insatisfatório e achava que tinha que aguardar um pouco, tinha que conhecer mais, tinha que estudar muito” (JORGE PAIVA). Assim sendo, sua atuação nos primeiros anos dos anos 1960 era de colaboração com as pessoas perseguidas pela ditadura e apoio as iniciativas dos grupos de esquerda que se manifestava contra o regime militar.

Em seguida, Jorge Paiva logo começou a fazer amizades e a conhecer lideranças estudantis e outras pessoas dos movimentos sociais. Os movimentos sociais e políticos tomavam corpo em manifestações públicas e passeatas cada vez concorridas contra o golpe, conforme narra Jorge Paiva. Entretanto, o biografado se ressentia de ter que trabalhar o dia todo na fábrica de massas e não poder está presente nas manifestações políticas ao longo do dia, que eram mais constantes. A partir daí procurou um jeito de se desvencilhar do trabalho na fábrica, pois, após juntar algum dinheiro depois de ter saltado várias funções na empresa de massas, pediu para ser despedido e com os recursos da rescisão do contrato de trabalho adquiriu um taxi para labutar como motorista nas ruas da cidade, pois entendia que assim poderia adaptar seus horários entre as lutas políticas e os horários na circulação do táxi.

Durante seu período como trabalhador na fábrica Jorge Paiva participou todas as noites de manifestações políticas, após deixar o horário de trabalho. Jorge Paiva conta que...

...o movimento estava em ebulição, à resistência contra a ditadura estava acontecendo e não somente através da manifestação estudantil, até o movimento sindical começou a se sacudir. Setores da igreja começou a se dá conta da cagada que tinha feito. Um setor da classe média também não estava bem situado... ...então eu disse: Opa! O negócio ta esquentando... (JORGE PAIVA).

Logo nas primeiras semanas como motorista do taxi Jorge Paiva foi parado por uma passageira, a professora de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) chamada Madre Cristina. Na corrida a conversa entre os dois parece ter impressionado a professora de maneira que no final da viagem ela convidou Jorge Paiva para ingressar na referida universidade, após a confissão do interesse do jovem motorista em estudar Física ou Ciências Sociais. Através da Madre Cristina, Jorge Romeu Paiva conheceu outros professores da PUC como o coordenador do Observatório Astronômico, o professor Abraão Moraes que também passou a lhe incentivar a estudar na PUC. Ambos os professores se empenharam em conseguir uma bolsa de estudo para Jorge Paiva estudar no curso de Física na PUC e assim aconteceu em 1966, depois de aprovado no vestibular.

Os sonhos e as lutas políticas como líder do movimento estudantil

Após ser aprovado na PUC passou a freqüentar suas aulas, embora seu interesse fosse estudar na Universidade de São Paulo (USP) devido “a agitação estudantil ser maior” (JORGE PAIVA). O plano era iniciar os estudos na PUC e depois pedir transferência para a USP. Estabelecido em São Paulo, Jorge Paiva juntou sua família, vinda das Minas Gerais, num apartamento de subsolo no centro da cidade, próximo das agitações estudantis. Além de transitar no

taxi, Jorge Paiva passou a ensinar matemática em um colégio, “porque o professor Abraão me deu um certificado de didática, que eu só podia ter no segundo ano, e ele já me deu no primeiro ano como se eu tivesse no segundo” (JORGE PAIVA).

Os dois professores, Madre Cristina e Abraão Moraes, eram pessoas próximas da política da Ação Popular (AP).¹ Diante do vínculo criado entre Jorge Paiva e os vários membros da PUC, entre docentes e discentes, não houve dificuldade nenhuma de recrutamento do jovem idealista para as fileiras da militância partidária da AP. Desde então se intensificou a atuação de Jorge Paiva nas manifestações de forma que seu nome começou a se destacar nos eventos (reuniões, panfletagens, passeatas [Jorge Romeu Paiva participou da passeata dos cem mil no Rio de Janeiro, ocorrido no dia 25 de junho em 1968], confecção de coquetel molotov para o enfrentamento com policiais etc.) como porta voz de entidades estudantis e um dos líderes do Centro Acadêmico (CA) de Física, do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da PUC-SP e posteriormente da União Nacional dos Estudantes (UNE). Devido a essa atuação Jorge Paiva narra que...

Numa bela manhã a polícia federal... Não. O exército ou a aeronáutica invadem o apartamento que eu morava entre as cinco e seis horas [da manhã]... Acabou tudo, acabou taxi, acabou aula, acabou curso de Física. De uma hora pra outra xipp [assobio do Jorge Paiva]... Os caras me levaram, meu irmão acabou me acompanhando, ficou com medo. Ele não tinha absolutamente nada com a AP. Tanto é que eu não contei nada em casa. [...] Minha mãe apavorada, minha irmã

¹ Conforme Gorender (1990) “... a AP decorreu, simultaneamente, das mudanças na Igreja Católica a partir do pontificado de João XXIII e do aprofundamento da luta de classes no Brasil. Para os seus membros politizados, a Juventude Universitária Católica (JUC) se mostrava já demasiadamente estreita, dada a vinculação oficial à igreja. Nasceu, por isso, a ideia de criar outro veículo de ação política, que permitisse liberdade de atuação e não envolvesse a hierarquia católica hostil à politização esquerdizante. Em junho de 1962, num congresso em Belo Horizonte, fez-se o lançamento da AP” (GORENDER, 1990, p. 36-37).

apavorada... ..os caras entraram no apartamento, vasculharam o apartamento. Eu tinha um material da AP, um papelzinho, um papel pequeno, eu entreguei pra mamãe. Mamãe botou num travesseiro, passou mal, ficou com o travesseiro na mão... [dando o entender que os militares não encontraram o material da AP por essa ação da mãe de Jorge Paiva] (JORGE PAIVA).

Embora levado pelos agentes do Estado juntamente com seu irmão, os mesmos, segundo Jorge Paiva, não sabiam exatamente qual o seu papel na resistência ao regime militar. Jorge Paiva acreditou que o acesso dos militares a sua residência ocorreu porque uma manifestante havia sido presa em uma mobilização estudantil alguns dias antes da invasão de sua moradia com o seu endereço anotado em um contato anterior. Sobre a participação da AP nas mobilizações, Fausto (2008) argumenta que: “A AP participou ativamente das lutas políticas da época e foi duramente reprimida após a instauração do governo militar em 1964” (FAUSTO, 2008, p. 446).

Seu irmão logo foi liberado, mas Jorge Paiva permaneceu preso no quartel da Aeronáutica que funcionava no Cambuci (bairro paulistano) e desse local foi transferido para um quartel do exército, em Guarulhos. Os professores da PUC foram avisados do fato e uma intensa mobilização pela soltura do líder estudantil foi organizada. Jorge Paiva narra da seguinte forma esse momento:

Bom, ai... Vai daqui, vai dali, não sei o que... Eu senti o clima na sela. Os caras estavam preparando para me levar pro pau de arara. Aí desmancharam a operação pau de arara e eu senti que os ecos de fora estavam acontecendo. Fiquei sabendo que os professores [da PUC] estavam lá, fruto dessa atividade nossa do centro acadêmico da faculdade. Porque quando saiu o... Isso já em 1968, eu já entrei de corpo e alma no 68 (JORGE PAIVA).

Solto do quartel, Jorge Paiva é recebido com uma comemoração organizado numa assembléia na faculdade onde estudava. Ao

chegar a casa, Jorge Paiva sentiu a tristeza dos familiares e decidiu que tinha que se afastar dos mesmos para preservá-los. Mais ou menos na mesma época foi editado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968. Com esse Ato vários professores foram cassados, segundo Jorge Paiva, com base em um decreto de nº 477. Conta Jorge Paiva: “eu sou enquadrado no 477 numa comissão de inquérito na faculdade e fui chamado pro depoimento”. A partir daí dar-se o início da vida de clandestino de Jorge Paiva.

A vida e a militância de Jorge Paiva na clandestinidade no regime militar

Jorge Paiva abandona o curso de Física na PUC, o ensino de matemática no colégio e a atividade como motorista de taxi e passa a depender do apoio da estrutura da AP e de seus apoiadores. Em 1969, como presidente do Centro Acadêmico de Física, conheceu Regina Célia Zanetti, estudante de Letras, recém chegada na PUC. A partir desse encontro ela passou a ter uma importância crucial na vida de Jorge Paiva, inicialmente como namorada, mas também como companheira na militância política que permanece ainda hoje.

Sobre a militância estudantil na época, entre 1969 a 1973, Jorge Paiva argumenta que...

Num certo sentido o movimento estudantil ainda tinha certo campo de manobra, tudo bem, mas o movimento tinha se ressentido da queda de Ibiúna. Porque Ibiúna perdeu praticamente mil jovens presos em outubro de 1968. Então tinha muita gente presa. E eu não fui preso porque o ponto [isto é, o contato] que tinham comigo furaram. A pessoa que tinha o ponto comigo pra me deslocar... [...] Acredito, que pelas divergências que estavam acontecendo, e eu acabei não indo, acabei fora. [...] Eu considero o período mais difícil do movimento estudantil, esse período de 69 a 73. Por quê? Porque primeiro a cacetada na liderança... Com a queda de Ibiúna, o movimento estudantil perdeu, talvez, as melhores cabeças

do movimento estudantil da juventude na época. Por quê? Esse pessoal foi pra processo, foi preso e parara..., parara... parara... Então mudou muito. Eu, muito jovem, entrando na faculdade, quer dizer, de repente estou no centro acadêmico e vou pro DCE da PUC com a responsabilidade multiplicada (JORGE PAIVA).

Jorge Paiva narra que em virtude das perdas do congresso de Ibiúna o congresso seguinte da UNE foi realizado com características totalmente diferente, mais restrito e um aparato de segurança muito mais ostensivo.² Pra mobilizar os estudantes para o congresso seguinte Jorge Paiva disse que: “Eu entrava no CRUSP [Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo], numa reunião, entrava no restaurante subia na cadeira e falava em nome da UNE, porque nessa altura eu já estava na assessoria da UNE. Falava e... ..tinha um esquema pra gente escapar” – barulho de mãos passando uma pela outra simbolizando a escapada (JORGE PAIVA).

Ainda em São Paulo, o cotidiano de Jorge Paiva e Regina Célia Zanetti era de apreensão e muito cuidado. Um dos episódios do dia a dia do casal é assim relatado por Jorge Paiva:

[...] me encontrava com a Célia assim de vez enquanto, escondido e aquela história toda. E a Célia tinha que trabalhar também, família pobre aquela história. E trabalhava num centro de coisa médica, de medicina na [avenida] Angélica e o Fleury³ descobre onde ela está. A sorte dela que o Fleury

² Sobre esse fato Fausto (2008) escreveu que, “em setembro de 1977, a Polícia Militar, por ordem do coronel Erasmo Dias, invadiu a Universidade Católica (PUC), onde milhares de estudantes se reuniram para tratar da reorganização da UNE, na ilegalidade. A invasão foi acompanhada de espancamentos e lançamento de bombas, daí resultando graves queimaduras em cinco estudantes” (FAUSTO, 2008, p. 492).

³ Fleury a que se refere Jorge Paiva é o nome de Sérgio Paranhos Fleury. Segundo Gorender, Fleury era um “corrupto até a medula e assassino profissional, Fleury era policial astucioso, capaz de analisar informação, levantar pistas certas e preparar pacientemente armadilhas fatais. Em matéria de tortura, que utilizava com máxima brutalidade, tinha preferência pelo pau-de-arara e pelo choque elétrico. (...) Fleury garantiu seu lugar na disputa do butim da repressão através da ligação com o CERI-

chega a tarde e ela tinha expediente cedo, ficado até as duas da tarde. E aí quando o Fleury entrou, crente que ia pegar, ela não tava, ela tinha saído, porque ela ia no outro dia pra outro local desse mesmo centro de referência. Uma pessoa foi presa e abriu [isto é, denunciou] a Célia. Aí tudo bem. Nós tínhamos conseguido uma coisa nessa época, uma casinha pequena de fundo, pequenininha menor do que essa aqui, mas jóia pra gente porque a gente ia ficar junto e..., ganhamos geladeira, um fogãozinho, uma cama de casal enfim uma bibliotecazinha e vá, vá, sonhando com o local.....tinha esse local. Ai chega de noite, chega de tarde. Não. Como é que foi? Não. Chega de manhã a Célia vai pro trabalho... E eu vou dar continuidade a minha atividade normal, como a gente fazia todo dias: reuniões, encontros, faz isso, faz aquilo... Aí de manhãzinha eu acordo antes de eu sair, Célia chegando... “- Não te conto nada, cheguei ao local pra descer do ônibus o pessoal da casa universitária, o pessoal da faculdade lá, espalhado..., e uma companheira mão trêmula chega pra mim e disse: “- olha aí, sai daqui porque os caras tão aí no seu trabalho esperando você chegar... Fleury”. “- Mas como foi...”, “- Minha filha depois a gente conta a história, agora capa o gato”[isto é, saia daqui]. Aí Célia capa o gato. Aí chega em casa, rapaz... “... o que está acontecendo os caras tão perto [...] Pronto! “Esses caras vão descobrir”. Quatro anos depois a gente volta ao local. Aí os donos do local dizem: “- Vocês saíram e nós vimos vocês jogando a chave e não entendemos, meia hora depois o Fleury chegou aqui pra pegar vocês”. Certo? Então os caras estavam perto, perto... (JORGE PAIVA)

Depois da chegada em Fortaleza Jorge Paiva não atuou mais no movimento estudantil como um de seus líderes. Cada vez mais teve que se acobertar para driblar a morte patrocinada pelo regime militar, pois, em Fortaleza, ele foi descoberto pelos aparelhos da re-

MAR, órgão de inteligência da Marinha. Colocada em plano subordinado pelo Exército após a criação da OBAN dos DOI/CODI, interessava à Marinha dispor de um canal autônomo de luta contra-revolucionária e, por isso, deu cobertura ao chefe do Esquadrão da Morte implantado no DEOSP paulista” (GORENDER, 1990, p.157-158).

pressão, mas aí já é outra História que não a de um estudante universitário que atuou colaborando diretamente com a História da educação desse país. Jorge Paiva nunca concluiu o curso de Física que tinha iniciado na PUC-SP, preferindo se comprometer com a política dos movimentos populares, a eleição de Maria Luiza Fontenele a prefeitura de Fortaleza, em 1985, e com a reflexão teórica anticapitalista.

Considerações finais

Tínhamos como objetivo compreender, a partir da perspectiva do ex-líder estudantil Jorge Paiva, as relações sociais, políticas e educacionais dos anos 1960 e 1970. Concluímos dessa perspectiva, que não foi nada fácil para os opositores do regime militar ter que conviver com um projeto político institucional autoritário, que além de negar o avanço da participação popular nas decisões políticas do país – como pretendia os movimentos sociais da época – ainda perseguia, torturava, deportava e fazia desaparecer seus opositores, como narrou Jorge Paiva. A sua narrativa nos fez pensar que a História da educação no Brasil ainda deve buscar mais episódios como a de sua trajetória para serem mais bem compreendidas, sobretudo aquelas que se referem ao período do regime militar pós 1964. Sua narrativa nos fez sentir como se estivéssemos lá, na sua História, do lado dele, tamanha era a emoção com que ele falava. Ao escutar suas palavras no gravador no momento da transcrição para organizar e analisar os dados para a elaboração desse trabalho, novamente éramos envolvidos com o sentimento aguerrido dessa liderança que não é mais somente estudantil. A coragem, a ousadia, o desejo ardente de uma História que fosse diferente da que viveu, e que de certo modo ainda vivemos, pois enlaçados pelas malhas do monetarismo como estamos, sugere que ainda permanecemos longe de uma História da educação emancipada. Mas acreditamos, a luta dele não foi em vão, porque a História não acabou. Que venham outros Jorges...

Referências bibliográficas

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p.143-154.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.p. 90-113.